

<sup>7</sup> Cit. por C. VAGAGGINI, in *El sentido teológico de la liturgia. Ensayo de liturgia teológica general*, BAC, 181, Madrid 1965, p. 228

<sup>8</sup> Cit. por J. YSERBAERT. *L'imposition des mains, rite de réconciliation*, in "La Maison-Dieu" n. 90 (1967) p. 101

<sup>9</sup> ORÍGENES, *Homilia sobre o Levítico*, 2,2

<sup>10</sup> Pastor de HERMAS, *Similitudine*, 5,6, cit. por A. PEDRINI, in *Lo Spirito Santo nei Padri della Chiesa*, Ed. OR, Milão, 1975, p. 77

<sup>11</sup> Cit. por N. ABEYASINGHA, op. cit., p. 569

<sup>12</sup> B. CAPPELLE, *La postcommunio "Mentes nostras" du mardi de Pentecôte*, in "Les questions liturgiques et paroissiales" 34(1953), 107-109

<sup>13</sup> S. AGOSTINHO, *Tratado sobre São João*, 121, 20, 4

<sup>14</sup> Cit. por E. P. SIMAN, *L'Expérience de l'Esprit par l'Église d'après la tradition syrienne d'Antioche*, Paris, 1971, p. 133

<sup>15</sup> ORÍGENES, *Intorno all'Orazione*, cit. por A. PEDRINI, "Lo Spirito Santo nei Padri della Chiesa", op. cit. p. 78

<sup>16</sup> S. AMBRÓSIO, *La Pénitence*, in "Sources Chrétiennes" n. 179, p. 61

<sup>17</sup> PIO XII, *Mystici Corporis Christi*, n. 87

<sup>18</sup> RP (= Rito da Penitência) 46

<sup>19</sup> RP 91 e 50

<sup>20</sup> RP 10

<sup>21</sup> RP 42,4

<sup>22</sup> RP 50

<sup>23</sup> RP 62

<sup>24</sup> RP 92

<sup>25</sup> RP 50

<sup>26</sup> RP 46, 55 e 62

<sup>27</sup> RP 6

<sup>28</sup> RP 10

<sup>29</sup> RP 69

<sup>30</sup> RP 91, 88 e 46

<sup>31</sup> Cf Ph. ROUILLARD, *La présentation des Sacrements dans le Catéchisme de l'Église Catholique. Suggestions pour la nouvelle édition*, in "Esprit et Vie" 106(1995), 232

<sup>32</sup> *Catecismo da Igreja Católica* n. 12; cf também a Constituição Apostólica *Fidei Depositum* para a promulgação do mesmo Catecismo

## Endereço do Autor

ITESC - caixa postal 5041  
88040-970 FLORIANÓPOLIS, SC

## A Era do Espírito

# Planejamento e Espírito

Pe. Juventino Kesting  
Professor de Teologia Pastoral

"A fórmula traduz perfeitamente a substância que a Igreja perde: de mediadora e instrumento eficaz de salvação, ela passa a ser um instrumento de organização dos "crentes" que, sendo seres humanos, precisam de um laço social visível".

## 1. EM BUSCA DE RAÍZES

**C**om o desenvolvimento das ciências sociais e da psicologia, a partir do século passado e início deste século, a preocupação pelo planejamento, pela organização da ação pastoral adquiriu significado fundamental na Igreja. As pesquisas das ciências do comportamento humano mostram que a ação do homem na história não provém somente da sua capacidade racional, criadora, diluída no cotidiano dos afazeres, mas requer uma sistematização, um planejamento, uma ordenação lógica que facilite o agir humano nos parâmetros da eficácia e da eficiência.

A partir de 1930, com o desenvolvimento do *método ativo* e a atuação da *Ação Católica*, gradativamente a pastoral avançou na passagem do método dedutivo para o indutivo. Esta passagem modificou o conjunto da pastoral. Tornou-se uma realidade mais palpável, mais presente no concreto da vida. Porém o rápido aceleração das descobertas científicas, dos movimentos sociais, dos fenômenos de massa, da industrialização e das migrações, forçou a pastoral a

sair do empirismo e caminhar para um conjunto de ações planejadas, organizadas, cronometradas, com políticas e estratégias definidas. Assim a pastoral deixou de ser uma ação espontânea e passou a ser uma "ciência", adotando métodos e processos das ciências sociais.

Mas foi a partir da década de 60, com a aplicação do Concílio Vaticano II, especialmente a partir da Teologia do Povo de Deus, que a pastoral buscou caminhos de organização. Igreja é "povo de Deus". Mas um povo organizado, ou em organização. Surge um leque de novas denominações pastorais que reclamam articulação, interligação, objetivos comuns e ações concretas. Decorre, assim, a necessidade de planejar a ação pastoral. Nasce os "Secretariados Diocesanos de Pastoral". As "Conferências Episcopais" adquirem um novo impulso, a pastoral não é pensada somente a partir da realidade local, mas a partir da realidade nacional e internacional. Multiplicam-se encontros, cursos, organizações, planos, objetivos e ações concretas.

O marco referencial dos planejamentos encontra o auge nos impulsos das Conclusões da *III Conferência do Episcopado Latino-Americano*, em **Puebla**: "Na Igreja,

como unidade dinamizadora e em vista de uma eficácia permanente de sua ação, assumimos a necessidade de **uma pastoral orgânica** que compreenda, entre outras coisas: princípios orientadores, objetivos, opções, estratégias, iniciativas práticas<sup>2</sup>. A ação pastoral planejada é a "resposta específica, consciente e intencional, às necessidades da evangelização"<sup>3</sup>. Puebla assume e oficializa na pastoral latino-americana o método da Ação Católica "**Ver-Julgar-Agir**". Assim justifica Puebla sobre o método: "A ação pastoral planejada é a resposta específica, consciente e intencional às exigências da evangelização. Deverá realizar-se em um processo de participação, em todos os níveis, das comunidades e pessoas interessadas, educando-as em metodologia de análise da realidade, para depois refletir essa realidade do ponto de vista do Evangelho, e optar pelos objetivos e meios mais aptos e fazer deles uso mais racional na ação evangelizadora"<sup>4</sup>.

## 2. A LIÇÃO DA HISTÓRIA

É inegável a contribuição dos métodos de planejamento e a sua operacionalização no conjunto da pastoral. A Igreja no Brasil, a partir de 1962, com o Plano de Emergência, inaugura uma nova etapa na organização pastoral. A preocupação principal do Plano de Emergência foi buscar "a renovação da Igreja como mistério de comunidade de fé, culto e caridade"<sup>5</sup>. Esse plano surge como base de toda a ação pastoral da Igreja no Brasil. As sucessivas Assembléias Gerais do episcopado brasileiro foram aperfeiçoando o plano para que fosse resposta aos novos desafios e complexidades da atuação pastoral. Hoje as Diretrizes Gerais com seu objetivo apresentam-se como o grande pano de fundo de todos os planejamentos dos Regionais da CNBB e das Dioceses.

Segundo BRIGHENTI, "Planejar é deixar de improvisar. É prever. É projetar o futuro. É pensar antes qual o melhor caminho para chegar. Planejar significa ir avançando cada vez mais, da improvisação ao planejamento; do menos planejado ao mais planejado"<sup>6</sup>.

A contribuição dos planejamentos na ação pastoral surge, em primeiro nível, como método de conhecimento da realidade sócio-cultural e pastoral. O ato pastoral na América Latina não prescinde de uma análise de conjuntura e de dados cientificamente comprovados que se apresentam como o denominador da ação pastoral. É desta análise que se obtém uma visão mais realista possível da realidade em todos os âmbitos e situações. A análise da realidade traz uma reflexão teológica situada num contexto. Explicita com maior clareza a prática pastoral.

Segundo CABELLO, "o planejamento pastoral ajuda na renovação doutrinal, leva a maior conhecimento da realidade, dá clareza na missão, concede experiências de comunhão e leva à descoberta do valor da metodologia ativa"<sup>7</sup>. Por outro lado, o planejamento desencadeia o processo de descentralização, cria novas formas de organização, e gera novo estilo de animação e condução do ato pastoral.

## 3. A RACIONALIDADE OCIDENTAL

A prática dos planejamentos encontrou forte aceitação no mundo ocidental, especialmente na América Latina, apoiada em diversos fatores. A pastoral era fruto de uma

transposição da cultura européia para as Américas. Durante séculos de evangelização não houve preocupação de inculturação pastoral, nem de criação de modelos autóctones, salvo algumas experiências de missionários e outras iniciativas espalhadas pelo continente. Entende-se esta posição, porque o Novo Mundo era tratado como criança, pois era corrente que os índios, negros e as populações mais pobres não tinham capacidade de pensar, de criar. Cabia a eles repetir o que o centro impunha.

Ademais a Europa está situada no mundo ocidental, dentro de uma cultura clássica onde há a prevalência da razão, do conceito, da verbalização, da sistematização. Neste sentido entende-se o espírito do **Concílio de Trento** (1546-1562), que optou pela evangelização através da "instrução". A razão e o conhecimento passam a ser fonte das decisões e do saber. Disto decorre uma prática pastoral intelectual, nocional, fria, por vezes calculista. A racionalidade da pastoral encobriu o humano, o afetivo, o relacionável, a pessoa e suas experiências, o simbólico, o místico, o prazeroso. Privilegiou-se mais as argumentações teológicas, exatas e universais, do que o dado bíblico-celebrativo.

Nesta esfera situa-se o modelo adotado pela sociedade ocidental. "A característica mais evidente é a cientificidade baseada no modelo mecanicista da Física clássica de NEWTON, segundo a qual a matéria é dividida em partículas"<sup>8</sup>. É o predomínio da razão, da forma, do conteúdo, da consciência forte, do projeto, do conhecimento. A pastoral por vezes seguiu este mesmo esquema. Uma pastoral funcionalista, departamentalizada, setORIZADA, tecnocrática, sem levar em conta a dialética da realidade social e as verdadeiras aspirações do homem, da mulher, do jovem e da criança.

Enquanto os agentes correm por todos os lados em busca de reuniões, planejamentos, organizações, cronogramas, o cotidiano do povo encontra suas respostas na religiosidade popular, no jeito simples de expressar a fé, através de gestos, símbolos, cores e expressão corporal.

## 4. SOCIEDADE EM MUDANÇA: CRISE DE MODELOS

A crise dos planejamentos pastorais não é privilégio da atualidade. Em todas as épocas, várias correntes teológicas e pastorais se digladiam. É o jogo entre a via da razão e a via do coração. A partir da década de 80 acelerou-se um processo de rejeição por tudo que é programado, organizado, pré-estabelecido. Este movimento não atinge somente a esfera da Igreja, mas toda a sociedade. Diversos fatores colaboram para essa reação: a secularização, o desenvolvimento das ciências sociais, o cansaço da dureza de exigências do sistema capitalista, a exploração do ser humano enquanto trabalhador e não como pessoa humana, a voz das

---

*"A ação pastoral planejada é a resposta específica, consciente e intencional, às necessidades da evangelização"*

---

culturas emergentes, o grito de liberdade, as novas descobertas científicas e tantos outros fatores, tornam o homem impessoal, impossibilitado de ser sujeito.

Na linha da reação ao sistema rígido de controle da pessoa humana situa-se a modernidade. Entre as diversas características da nova mentalidade situam-se:

a) **Os movimentos religiosos autônomos.** Os tempos atuais caracterizam-se por uma busca do religioso, do esotérico, das emoções fortes. Nesta vertente situa-se o crescimento dos movimentos religiosos autônomos como fenômeno de religião de trânsito, com forte tendência de individualismo e fundamentalismo.

b) **A "Nova Era,"** como resposta ao vazio deixado na alma humana pelo materialismo. A Nova Era não se apresenta como "nova religião, mas como um "espírito", um "modo de vida". "O universo é visto como um organismo vivo e vivente, impulsionado pelas ondas, pela energia". Apregoa uma "nova religiosidade", reacionária e contrária a toda forma oficial já existente. Recorre à psicologia como caminho para a auto-realização. Valoriza o inconsciente coletivo como fonte de revelação. Redescobre o universo como "cosmo onde todos os seres vivos seriam iguais em valor e dignidade. O homem nada mais é do que um dos seres viventes, entre outros" <sup>9</sup>.

c) **A emergência da subjetividade e da corporeidade.** O homem torna-se a imagem que forma de si mesmo. A verdade passa a ser a sua verdade subjetiva, sem grandes sistemas, sem grandes verdades, sem muita utopia. A vida define-se como viver as emoções, o afetivo, o simbólico, o prazeroso, o maravilhoso, o original, o imediato, o situado, sem forças externas e sem verdades objetivas.

d) **A crise pastoral.** Essas três correntes necessariamente atingem a pastoral. O que acontece no âmbito social e cultural também se reflete no âmbito da Igreja. Nos últimos anos cresce uma crítica contra o excessivo racionalismo dos planejamentos pastorais. Valorizou-se excessivamente o "agente, o articulador", em detrimento da missão do cristão em virtude do batismo.

---

*"Uma pastoral excessivamente tecnocrata privilegia o plano abafando a criatividade, os carismas do Espírito"*

---

O cristão ficou absorvido por uma multiplicidade de compromissos, de reuniões, de conflitos, de normas, de exigências, de modo que não lhe sobrou tempo para a família, para o namoro, para o lazer, para a festa, para o cultivo da espiritualidade e para uma mística mais profunda. Chegou-se ao extremo, em alguns setores pastorais, de classificar como

"alienado" tudo que manifestava o simbólico, as expressões da religiosidade popular, o emotivo, o lúdico.

Nota-se um cansaço pastoral, uma ojeriza aos planejamentos e uma natural fuga para setores pastorais pouco

organizados, mais espontâneos, menos paroquiais. Isto de certa forma se reflete no crescimento das pastorais intimistas e o esvaziamento de muitas pastorais mais conflituosas. Pastoralmente falando, isto é bom? É a saída?

## 5. UM NOVO ENFOQUE

---

A temática é conflituosa. Não se pode polarizar posições. De um lado, uma pastoral não planejada vagueia sem objetivos, sem um processo, sem ações concretas. Do espontaneísmo não surge um processo libertador, um compromisso transformador. Cai-se no senso comum e por vezes no basismo. Por outro lado, uma pastoral excessivamente tecnocrática privilegia o plano abafando a criatividade, os carismas do Espírito. Um fato é realidade: No mundo moderno, urbanizado, as pessoas reclamam uma maior atenção pessoal, um atendimento personalizado, pois o homem de hoje é mais fragmentado, mais desafiado pelo pluralismo. Daí o crescente aumento de terapias, de encontros que prometem felicidade, que ensinam a libertar-se das tensões, dos medos, das angústias. Este fenômeno não pode estar descuidado pela pastoral. É missão das comunidades, das paróquias, organizarem um atendimento personalizado, uma atenção à pessoa e suas situações.

"São numerosos os católicos que se lamentam de que as homilias, as pregações, os cursos, as pastorais, possuem, muitas vezes, bem pouca capacidade de tocar o coração das pessoas, a sua afetividade. A mera apresentação de uma doutrina é radicalmente insuficiente para a mobilização da afetividade, para impulsioná-la, visando um compromisso evangélico e evangelizador"<sup>10</sup>.

Nos tempos atuais urge uma nova dinâmica pastoral. Privilegiar o planejamento como um processo que avança na implantação do Reino, mas ao mesmo tempo, ter a dinâmica de escuta do Espírito a partir das pessoas, de sua criatividade, de suas experiências concretas de vida, nas mais diversas situações e aspirações. A pastoral procure humanizar as estruturas para que a pessoa seja o sujeito da ação pastoral.

Se na família, no círculo bíblico, na comunidade religiosa, no seminário, no grupo de casais ou de jovens, nas CEBs, nas pastorais sociais, nos atendimentos paroquiais, nos movimentos populares, a pessoa não se sente acolhida e estimulada, querida e valorizada, utilizará boa parte da sua energia para se proteger, para se esconder ou para se fazer "valer".

## 6. JESUS: UM PROJETO DE TRÊS ANOS

---

Segundo a cultura semita, a fonte do saber está no coração. O discernimento do coração torna-se fonte das decisões. Perscrutar os corações é atender a voz de Deus, que fala no mais íntimo do ser humano. "Eu mesmo a conduzirei ao deserto e lhe falarei ao coração" (Os 2,16). "Lá, então, procurareis o SENHOR, teu Deus: tu o encontrarás, se o procurares com todo o teu coração, com todo teu ser" (Dt 4,29). "Fixa-os para sempre no coração, pendura-os ao pescoço" (Pr 6,21).

Jesus de Nazaré teve a capacidade de olhar o coração, de ler o coração humano e de reerguer o coração machucado. Percebe-se esta atitude em Lc 15,20: é iniciativa do Pai ir ao encontro, abraçar o filho que volta, acolhê-lo, reintegrá-lo na comunidade. Já em Jo 10,3 Jesus é o pastor que abre as

portas para que as ovelhas possam caminhar livres pelos prados e colinas.

O apóstolo João, escrevendo às comunidades cristãs, fala de uma experiência concreta, de um novo jeito de se relacionar a partir de Jesus: "O que vimos, o que ouvimos com os nossos olhos, o que contemplamos e o que nossas mãos apalparam, falamos da Palavra que é a Vida... isto que vimos e ouvimos, nós agora o anunciamos a vocês, para que vocês estejam em comunhão conosco... essas coisas, escrevemos para vocês, a fim de que a nossa alegria seja completa" (1Jo 1,1-4). Este texto é um verdadeiro programa de pastoral.

O seguimento de Jesus requer um programa de vida, um caminho de discipulado, mas ao mesmo tempo uma abertura para o testemunho, para a manifestação do Espírito. Mas tudo isto para que a "alegria seja completa". Neste mesmo sentido exorta Paulo aos Colossenses (Cl 3,8-17). O projeto pastoral dos seguidores de Jesus Cristo não passa pelo raciocínio dos gregos nem pelo pragmatismo dos romanos, mas pela vivência dos "sentimentos de Cristo" (cf Fl 2,5), pelo perdão, pelo vestir-se com o amor.

Em Lc 4,14-21 Jesus lança o seu programa de pastoral. O anúncio do Reino, o cumprimento da vontade do Pai, o profundo respeito às pessoas, a dedicação integral se faz o cotidiano de Jesus. Ele sabia unir: caminhada de um lugar para outro, tempo para a intimidade com o Pai, atendimento das multidões, conversa com o grupo dos discípulos, atendimento das pessoas, visita aos amigos.

Marcos traça o programa pastoral de Jesus. Jesus humano, Jesus presente. Jesus no meio do povo. Jesus atendendo o povo. "Os apóstolos voltaram para junto de Jesus. Contaram o que haviam feito e ensinado. Jesus disse: 'Vinde à parte, para um lugar deserto, e descansai um pouco'. Eram muitos os que iam e vinham e nem tinham tempo para comer. Partiram para um lugar solitário. Viram-nos partir e perceberam para onde iam, e de todas as cidades acorreram a pé para o lugar aonde se dirigiam. Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão e compadeceu-se dela, porque eram como ovelhas sem pastor. E começou a ensinar-lhes muitas coisas" (cf Mc 6,30-34).

## 7. INSTITUIÇÃO E CARISMA

A Igreja primitiva é rica na profusão do Espírito. A Igreja se implantava nas diversas realidades, sem grandes preocupações de instituição, de organização, de planejamentos. Mas era a força do Espírito que impelia os Apóstolos a congregarem pequenas comunidades vivas, marcadas pelo testemunho, pela vivência fraterna, pelo compromisso de uma vida nova em Jesus Cristo. O Apóstolo Paulo assim se expressa: "Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos. A um, o Espírito dá a palavra da sabedoria; a outro, a palavra da ciência segundo o mesmo Espírito; a outro, o mesmo Espírito dá a fé; a outro, o mesmo Espírito concede o dom das curas; a outro, o poder de fazer milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, o dom de falar em línguas; a outro

ainda, o dom de as interpretar. Mas é o único e mesmo Espírito quem realiza tudo isso, distribuindo os seus dons a cada um, conforme ele quer" (1 Cor 12,7-11). E ainda: "Não extingam o Espírito, não desprezem as profecias, examinem tudo e fiquem com o que é bom" (1 Ts 5,19-20).

Enquanto as comunidades cristãs iniciantes eram pequenos grupos, não careciam de maior organização, nem de estruturação. Deixavam o Espírito agir. Mesmo assim, as cartas neotestamentárias já falam de certos princípios de ordem, de planejamento, de organização, de estruturação e de instituição. A organização, a instituição é uma necessidade para o convívio social e a dinamização dos grupos humanos.

**O que se questiona na pastoral é a supremacia da organização sobre a ação do Espírito.** Pois o Espírito derrama dons e carismas que não podem ser estruturados dentro de planos, leis e normas. O carisma é "uma manifestação da presença do Espírito nos membros da comunidade, fazendo com que tudo o que são e fazem, seja feito e ordenado em benefício de todos. É o chamamento que Deus dirige a cada um para um determinado serviço na comunidade, tornando-o apto para esse mesmo serviço"

<sup>11</sup> Na comunidade onde o Espírito não é afogado, afloram os vários carismas, cresce a criatividade, que devolve o caráter de Boa-Nova à mensagem de Jesus. As pessoas se sentem efetivamente membros da comunidade e encontram espaço para a realização de suas capacidades.

Pe. CONGAR, em 1972, comentando a necessidade de um revigoramento pastoral, assim se exprime: "Nossa época de mutação rápida, de mudança cultural, exige uma revisão das formas "tradicionais" que ultrapasse o plano da adaptação ou do 'ajornamento' e seja antes uma nova criação. Não é mais suficiente manter, adaptando, aquilo que houve; é preciso reconstruir"

<sup>12</sup> Quando tudo parece organizado, planejado e cronometrado, o Espírito tem poucas chances de mostrar suas surpresas, seus impulsos, seus carismas. É Ele que continuamente vem interpelando as comunidades cristãs no sentido de que a missão da Igreja não é uma obra humana, mensurável, limitada ao tempo e ao espaço, mas é obra do Espírito que sopra, age, interfere, atua onde quer e como lhe apraz.

Por isso afirma Paulo: "No Espírito fostes enriquecidos em todas as coisas... de maneira que nada falta em graça alguma a vós" (1 Cor 1,5); "em tudo abundais" (2 Cor 8,7) e "Deus é poderoso para fazer abundar em vós todos os bens, para que tenhais sempre, em todas as coisas, tudo o que é suficiente" (2 Cor 9,8), pois "o fruto do Espírito é caridade, alegria, paz, paciência, afabilidade, bondade, fidelidade, brandura, temperança" (Gl 5,22).

Deus está presente, mediante seu Espírito, em todo o universo, nas diferentes culturas e em toda ação humana. Todos, nas diferentes formas, são inspirados para fazer o bem, praticar a justiça, seguir o caminho da verdade, amar os outros, viver em comunidade. Neste sentido o planejamento pastoral não pode ser uma forma de "prender o Espírito", mas **melo** para criar mais vida, melhores condições para que as comunidades cristãs possam viver bem, testemunhar a fé,

*"Quando tudo parece organizado, o Espírito tem poucas chances de mostrar suas surpresas"*

celebrá-la com entusiasmo, e assumir os compromissos de mais vida, mais justiça e mais fraternidade.

## 8. ABRINDO PERSPECTIVAS

É inegável a contribuição dos planejamentos e dos planos na ação pastoral da Igreja no Brasil, nos Regionais, nas dioceses e nas paróquias. As práticas pastorais comprometidas com o compromisso libertador se devem, em grande parte, à elaboração dos planos de pastoral. Eles foram responsáveis por um processo de pastoral orgânica, integrada e comprometida com as grandes causas do povo. O plano é sempre um ponto de referência que unifica as forças, que faz processo e que vislumbra donde se partiu, onde estamos e para onde queremos caminhar.

É bem verdade que os planos podem aparecer como uma estrutura bem montada, mas que na realidade não corresponde à realidade. Por vezes apresenta-se como um lindo projeto, claro na cabeça de alguns, mas do qual poucos são os sujeitos. É o perigo de se repetir o esquema: uns elaboram, alguns o executam e muitos são apenas cumpridores. É sabido que, no decorrer dos últimos 20 anos, em algumas realidades, o plano tornou-se um instrumento pesado e dominador, a ponto de subestimar o próprio Evangelho.

Ao lado dessa análise, é bom frisar que também se caiu num outro extremo: comunidades e dioceses sem nenhum plano. Nada se inovou. Tudo ficou por conta do improvisado ou da repetição dos velhos métodos do passado. A sociedade se desenvolveu, mas a pastoral ficou parada no improvisado, na repetição, sem um método inovador.

Antes de iniciar a elaboração de um grande plano, é necessário resgatar o cotidiano das pessoas. Ajudar a comunidade a ler a realidade, a fazer amadurecer os problemas. A pastoral começa a deslanchar não quando se apresenta um plano elaborado, mas quando as pessoas começam a comentar determinados assuntos. Isto é sinal de que há uma ampliação do nível de compreensão do mundo, da realidade e da própria fé.

Quando as pessoas começam a falar, a partilhar, a comentar, a dar parecer, é hora de organizar pequenos - ou mesmo, mais longos - cursos de conteúdo, de formação e de reflexão.

A organização da comunidade começa quando a teoria é formada através de diálogo, de participação, de socialização das decisões e dos espaços participativos. Esta prática ajuda a superar a inibição e o medo de errar. Neste processo é fundamental a organização de equipes, de grupos que discutem e questionam. A discussão e o conflito geram processo. Nesta dinâmica alguns elementos são fundamentais:

a) *A interação entre comunidade e agentes*, para que não haja crítica de pessoas, mas de processos.

b) No processo de planejamento, *nunca deixar de lado a dimensão celebrativa*. Isto é: tornar os passos, as opções, as expressões de fé e os compromissos, celebrativos, místicos, simbólicos.

c) *A pessoa como sujeito*. O maior investimento deve ser na pessoa: a escuta, a acolhida afetiva, a resposta às angústias e dúvidas, a orientação, o

atendimento às necessidades pastorais. Isto faz a pastoral ser mais samaritana e menos legalista.

d) *A esperança alimentada*. No processo de planejamento não basta dar esperança. É preciso alimentar a esperança com pequenas ações concretas, pequenas luzes no fundo do túnel, com passos concretos de libertação e mais vida.

O planejamento é necessário. Mas não é absoluto. O plano em si apresenta-se como um instrumento necessário para o ato pastoral. O agente de pastoral, porém, não pode ser um mero executor de planos. *É preciso escutar "o que o Espírito diz às Igrejas"* (Ap 2,7), *invocar o Espírito* para que revista de carne os "ossos" necessários de nossos planos, como na visão de Ezequiel (Ez 37,1-10), *deixar-se guiar pelo Espírito* como Jesus, ao longo do seu ministério (cf Lc 4,1 e 4,18). Deixar o Espírito atuar é abrir espaço para a criatividade, a novidade, a transformação.

## NOTAS

<sup>1</sup>. DUMONT, L., *O individualismo. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*, Rocco, RJ, 1985, pg. 71

<sup>2</sup>. CELAM, *Evangelização no presente e no futuro da América Latina*, Conclusões da III Conferência de Puebla, Vozes, 1979, Nº 1222

<sup>3</sup>. Id., *ibid.*, n. 1306

<sup>4</sup>. Id., *ibid.*, n. 1307

<sup>5</sup>. CNBB, Doc. 38 *Diretrizes Gerais da Ação da Igreja no Brasil 1987-1990*, Paulinas, SP, 1987, pg. 5

<sup>6</sup>. BRIGHENTI, A., *Metodologia para um processo de Planejamento Participativo*, Diocese de Tubarão, 1984, pg. 6

<sup>7</sup>. CABELLO, M., *Manual de Planejamento Pastoral*, Paulinas, SP, 1988, pg 26 a 33

<sup>8</sup>. ALEM, J., in "*Cidade Nova*" março de 1993

<sup>9</sup>. *ibidem*

<sup>10</sup>. GARCIA RUBIO, A., *Nova Evangelização e maturidade afetiva*, Paulinas, SP, 1993, pg 103

<sup>11</sup>. KÜNG, H., *A estruturação carismática da Igreja*, in *Concilium* n. 1, 1965, 35-46

<sup>12</sup>. CONGAR, I., *Renovação do Espírito e Reforma da Instituição*, in *Concilium*, n. 72, 1972

## BIBLIOGRAFIA

SOMETTI, J., *O maravilhoso: Pastoral e Teologia*, Vozes, Petrópolis, 1991

O'CONNOR, J. M., *Antropologia Pastoral de Paulo*, Paulus, SP, 1994

CNBB, *Sociedade Brasileira e Desafios Pastorais*, Paulinas, SP, 1991

## Endereço do Autor:

Seminário Teológico de Tubarão  
Caixa Postal 5073  
88040-97- FLORIANÓPOLIS, SC